

ANO 9 - Nº 95
JUL-AGO/99

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

COMBATENDO O ESTADO SOCIAL-DEMOCRATA

No Brasil, o atrelamento de setores da "esquerda" com o Estado, além de populistas e reformistas, é uma triste tradição política. Isto vem desde os sindicatos amarelos, seus aliados táticos os estalinistas do antigo PCB, o populismo-trabalhista do PTB de Vargas e PDT de Brizola, o reformismo do PSB de Arraes, a frente democrático-burguesa que o PC do B tanto gosta e outros exemplos. A partir da abertura política (1979) surge uma nova "tradição", a do Partido dos Trabalhadores (PT). Desde as eleições municipais de 1988, o PT vem ganhando eleições municipais e até estaduais, surgindo assim o tal "modo petista de governar". Como este partido se constitui em correntes divididas em dois blocos nacionais (direita e esquerda) e, teoricamente a esquerda do PT seria o bloco genuíno e "socialista", analisaremos abaixo o modo de domínio do aparato do Estado burguês pelos "companheiros" da esquerda petista.

A estrutura básica de governo: Nas eleições de 1998, a esquerda do PT ganhou os governos do Acre, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Vamos tomar como exemplo o governo "popular" do RS, assim como a dinastia petista em Porto Alegre (desde 1988) e outras prefeituras. A primeira estrutura é a hegemonia interna, das correntes *Articulação de Esquerda* (AE) e *Democracia Socialista* (DS); respectivamente a do governador Olívio Dutra e a do vice Miguel Rosseto. A partir desta aliança estratégica, se compõem as alianças táticas com o PDT, PSB, PC do B e PCB. Foram deixados num segundo plano a direita do PT (chamada de *PT Amplo e Democrático*, tendo à frente o ex-prefeito Tarso Genro) e o PSTU (que só faz "apoio crítico" ao governo). De acordo com a importância da aliança, se negociam as secretarias de Estado, mas ficam as pastas de Finanças e Planejamento com a DS e a AE. Assim, se garante o controle das verbas e, portanto, não se faz nada se as duas correntes não permitirem. Tudo isto funciona num modelo tipo "morde-assopra", onde os capa-pretas da DS mordem e os falsos basistas da AE assopram. O objetivo permanente é uma "fusão" entre movimento popular-governo petista, ambos com hegemonia das duas correntes aliadas. Vejamos um exemplo mais preciso.

Orçamento participativo contra a participação popular: Para instaurar sua dinastia em Porto Alegre, o PT implementou um programa que ao mesmo tempo garante curral eleitoral, amansa as comunidades oprimidas e coopta a militância desde a base. A história começa com uma verba pré-destinada, e fixa. Ao mesmo tempo a burocracia da Prefeitura articula e convoca "assembleias comunitárias" e daí saem os delegados para as plenárias locais, regionais até a plenária municipal. Nesse meio tempo, os membros da comunidade que se destacam, são chamados para "cursos de liderança e cidadania" (pagos pela Prefeitura) e depois colocados em funções-chaves em suas próprias comunidades. E afinal, o que se decide na comunidade? Nada! Como a verba é pré-definida, as comunidades escolhem entre 3 ruas asfaltadas ou 4 postes de luz ou 2 canos de esgoto ou sabe-se lá o que, desde que tudo custe a mesma coisa!

O pacotão do "leninismo-gramsiano": Na real, quem manda é a DS, porque chega sempre fechada e domina as bases que a AE (através da Igreja) convoca. Para mandar sem impor, o jeitinho é atrelar. Para cada possível iniciativa popular, o Estado Social-Democrata se adianta e bota algo no lugar. Vejamos alguns exemplos: Projeto Mova (alfabetização de adultos), Projeto Almeje (supletivo 1º grau), Compras Coletivas (cooperativa de consumo), Constituinte Escolar (absorvendo Conselho Comunidade-Escola, Conselho de Pais e Mestres e Grêmios Secundaristas), Orçamento Participativo (absorve as Associações de Moradores), Projeto Hip-Hop (canaliza toda a juventude negra e os rappers para o governo), Plenárias da Juventude a nível municipal, rádios comunitárias e outras iniciativas. E a coisa é muito simples, ou o PT hegemoniza e atrela ao seu estado, ou este mesmo Estado Petista sufoca, desarticula e até reprime o movimento popular.

Surge uma nova classe dirigente: Com estes mecanismos de mando, os dirigentes naturalmente transitam como diretores de sindicatos, parlamentares do partido, burocratas do Estado, "capa-pretas" de corrente, "ONGueiros" profissionais ou tudo isso ao mesmo tempo. Só como exemplo, ano passado, na ocupação da DEMEC, tinha um palhaço metido a "capa-preta" da AE envergando um belo blaser. Fez de tudo para dar entrevista e posar como direção. Hoje, este mesmo palhaço já é

vice-presidente da UNE e tem cargo de confiança no governo Olívio! Em 1998, a vontade que dava era gritar para este e outros palhaços: - "Vai te foder, vai fazer carreira no PT". E o pior é que não deu outra...

O partido da classe média: A missão petista, mais notadamente a nível municipal, é pacificar e amansar a questão social. Para montar o Estado Social-Democrata, é necessário fabricar um novo consenso, aplicando políticas de estabilidade da cidade capitalista, tais como: urbanismo planejado e eficiente, uma repressão que "dialogue" (a tal polícia cidadã), produtos culturais com alguma sofisticação (para atrair e alegrar a classe média, formadora da opinião pública), ordenamento territorial-administrativo (baixando o pau nos camelôs do centro de Porto Alegre e multando todos e todos) e gerando uma cultura política "cidadã", através de inúmeros cursos e iniciativas de formação de cidadania. Ao mesmo tempo, ressaltando o caráter policlassista da sociedade civil, apoiando o capital nacional e até se aliando ao capital transnacional produtivo (como é o caso da *General Motors*-GM- e o prefeito de Gravataí, que é do PT). O outro lado da coisa é o abandono total e completo de qualquer forma de luta popular, só articulando para o que for legal e institucional.

Chimangos e Maragatos: O PT e seu bloco de alianças tenta reconstruir o bipartidarismo histórico do Rio Grande do Sul. Agora, ao invés do *Partido Federalista* (maragatos) e do *Partido Republicano* (chimangos), haveria dois blocos: a *Frente Popular* (PT-PC do B-PCB-PSB) aliada a *Frente Trabalhista* (PDT), e a direita política (PMDB-PSDB-PFL-PPB-PTB). De acordo com os ideólogos do PT, todo conflito social seria canalizado nos níveis legais e institucionais: políticas de Estado, festa eleitoral-burguesa e projetos de governo. A fórmula seria, entidades e movimentos vazios, campanhas e comícios cheios. E o povo em luta, onde é que está? No tempo de *chimangos* e *maragatos* havia uma terceira força, operária e popular, e éramos nós. No nível sindical, através da *Federação Operária do Rio Grande do Sul* (FORGS) e no nível político-social, pela corrente libertária *Liga de Defesa Popular* (LDP). Foi a classe organizada, impulsionada pela FORGS/LDP que tomou Porto Alegre nas greves gerais de 1917 e 1919, quando a companheirada botou os porcos da Brigada Militar pra correr na base da dinamite, quando pusemos a burguesia de quatro para conquistar nossos direitos! Este é o espaço político que temos que reconstruir.

Por uma Oposição Popular: E na Frente Comunitária, nas vilas gaúchas, atuando nas entidades de base das comunidades oprimidas onde se vê de forma escancarada como todo o prefeito do PT é inimigo de classe! Vejamos o caso de Gravataí, na Grande Porto Alegre. Neste município periférico, já há algum tempo nossa Célula local trabalha junto a carroceiros e catadores, ao mesmo tempo que esta inserida em algumas vilas. Um dos objetivos é construir uma Cooperativa de Recicladores, base de economia popular para fomento dos movimentos de resistência das vilas, para pelear por necessidades básicas (água, luz, saneamento, etc.). Na base do mutirão, levantamos um galpão de madeira, na Vila Pontilhão, onde atuamos. O prefeito Bordignon, também conhecido como o prefeito da GM, é o inimigo direto. Em plena Terça-feira de carnaval tentou desmontar uma das casas da comunidade e chamou todo o efetivo da Brigada Militar em Gravataí. Óbvio que resistimos e o pau comeu. Quanto a Cooperativa, o desgraçado declarou que não vai permitir nenhuma iniciativa econômica nesse setor que não seja tutelada pela Prefeitura. Para não deixar o povo trabalhar, não instala a energia elétrica, o maquinário não tem como funcionar e a comunidade fica na miséria. Para erradicar seu pesadelo (nós), quer remover toda a vila, pois fica na beira de uma estrada municipal. E como este, há diversos outros exemplos nas várias prefeituras. Onde tem "governo popular" raramente tem movimento popular. Mas, não adianta ficar só esbravejando. De nossa parte, onde quer que chegue a *Resistência*, vai ter um militante nosso em ruas de barro, casas de tapera e madeira, banhados e vilas atuando e construindo entidades de base. O Estado Social-Democrata é um inimigo traiçoeiro e ardiloso, mas só mais um obstáculo para a caminhada do povo. O que a pelejada não sabe, é que as eternas lanças de taquara e guajuvira, sempre foram e sempre serão a forma do povo construir o Poder Popular. Sempre com luta, com fé e com a lança de Sepé!

Texto escrito por um militante da *Resistência Popular-Gaúcha*

"O estado é a negação
da humanidade"

M. Bakunin

As Boas

MEMÓRIAS DO TARRAFAL

Cheguei à casa do companheiro Abílio Gonçalves, em uma tarde nublada de inverno, em Pinheiro de Loures, nos arredores de Lisboa. Estava acompanhado do sempre amigo Manuel Vieira e apreensivo para o ensaio da minha primeira entrevista com o histórico companheiro veterano do Tarrafal. Já havíamos nos encontrado por duas vezes, no Centro de Estudos Libertários e em um almoço no centro de Lisboa, mas com muito pouco tempo para a troca de impressões a respeito do anarquismo.

Ao chegarmos a Pinheiro de Loures avistamos de imediato, em frente ao ponto de ônibus, Abílio Gonçalves, que já nos esperava vestido respeitosamente e com muita sobriedade. O local era bastante típico, como toda periferia de uma grande cidade. Tudo era desconhecido e ao mesmo tempo familiar. Abílio é um daqueles militantes que impressionam pela convicção, determinação e firmeza. Sua aparência não corresponde a sua idade e mesmo o seu espírito é tão jovial quanto de um recém ingresso nas fileiras do anarquismo, isso se percebe no primeiro instante, no seu olhar e atitudes.

Conversando com o companheiro que tantas agruras viveu nos períodos mais críticos da história da repressão em Portugal, chegamos a acreditar que dignidade e caráter possuem propriedades regeneradoras.

Durante a entrevista, com pausa para um "Porto", tudo me sugeria uma autenticidade invulgar, não só no que estava sendo relatado, como também nos componentes físicos da casa do amável Abílio. Tudo era muito verdadeiro e honesto naquele lugar e naquele homem, era um daqueles momentos raros onde você percebe a anarquia como equilíbrio vivido e não como retórica de efeito. Eu presenciava o depoimento de um militante sério para quem as "transformações" da pós-modernidade nada diziam e que em momento algum, por princípio, duvidou da vigência do pensamento libertário para equacionar os problemas deste, como diz o Vieira, simulacro de sociedade.

Conhecer e conversar com um Abílio Gonçalves é o que provavelmente almeja qualquer militante anarquista. Travar conhecimento com um homem que, após tantas refregas que travou com a vida, não encara o futuro com pessimismo é realmente um privilégio. Ganham os leitores do *Liberas*... e ganho eu como ser humano em ter tido a oportunidade de conhecer tal militante e poder chama-lo de amigo. Certamente, no mapa da utopia está, ou deve ser incluída, a simpática habitação em Pinheiro de Loures.

Abílio Gonçalves nasceu em 16 de outubro de 1911, em uma pequena aldeia chamada Vinhó, no centro de Portugal, de uma família humilde que logo contava seis rebentos. Seu pai, um pedreiro de profissão, trabalhava nas construções de Lisboa daquele início de século e retornava periodicamente ao povoado de Vinhó, o que não raro implicava em aumento do numerário familiar, para trazer o minguado salário que conseguia nas suas atividades.

Já sua mãe, era de uma origem um pouco mais abastada, para os parâmetros da época e do local, filha de um dos maiores proprietários do lugar e fundador da irmandade religiosa que deu nome a aldeia.

A vida, para Abílio, mostrou-se bastante dura desde a mais tenra idade. Ficou órfão de pai e mãe aos 4 anos, e já ingressou no mundo exaustivo dos trabalhos do campo. Foi no meio das ovelhas e no ritmo marcado das estações agrícolas que Abílio iniciou a formulação de uma incipiente concepção de mundo.

Seu primeiro contato com o conhecimento formal se deu de maneira curiosa: Em um dia, não muito diferente dos demais, Abílio na sua faina observou que algumas crianças iam ruidosamente em uma estrada, buscar algo. Ou pelo menos assim lhe parecia. Acompanhou o grupo e acabou sentado em um banco escolar. Era uma sala de primeiras letras, como muitas outras, e para lá todas as

crianças de lares não desfeitos convergiam todas às manhãs. O professor, conhecido por severas práticas pedagógicas, perguntou aos demais alunos quem era o "miúdo" que ali estava, e todos responderam: "É um órfão pobrezinho". Ficou algum tempo frequentando as aulas até que desistiu pois, nos horários de merenda, ele era o único a ter o estômago vazio.

Aos 16 anos foi para Lisboa, logo empregando-se em uma mercearia. O proprietário do estabelecimento, percebendo as limitações do analfabetismo de Abílio para o exercício mínimo das funções, tratou de estimulá-lo a ingressar em uma escola. É bom dizer que o seu irmão lhe arranhou o emprego, já que ele não tinha qualificação e nem conhecimentos na capital. Era o ano de 1927 e o jovem comerciante iniciava-se nas formas de vida de uma grande cidade. Lisboa era enorme, se comparada à sua pequena aldeia, e logo os acontecimentos começam a envolver o jovem órfão e a formá-lo o caráter. Ele assiste, algo desorientado, a chegada das tropas do general Gomes da Costa no Campo Grande, no centro de Lisboa, e percebe que as mudanças na sociedade são um tanto drásticas às vezes.

Mais tarde, inicia em um segundo emprego, também uma mercearia, no Poço do Borratem e aplica, cada vez mais, seus conhecimentos. Em 1928 vai ao serviço militar e, em 1930, inicia no ofício que lhe proporcionará a sindicalização. Entra no ramo da panificação como aprendiz e assiste, já neste ambiente, a disputa entre duas correntes: uma contra, e outra a favor do sindicato. Mudou algumas vezes de emprego, mantendo-se, entretanto, no mesmo ramo. Ganhava em média 10 escudos ao dia e trabalhava exaustivamente.

Abílio, no que se refere às polêmicas referidas, não teve dúvidas ao optar pela corrente simpática ao sindicalismo e ingressou em uma escola sindical, que era gratuita para todos os sindicalizados. Esta escola em particular pertencia a *Ação Operária Portuguesa*.

Dentro do novo mundo sindical que se lhe descortinava, teve que fazer outras opções e a mais importante e definitiva, que iria marcar toda a sua trajetória de militante e cidadão do mundo, foi optar pela fração libertária do sindicalismo. Abílio era já no início dos anos 30 um anarco-sindicalista e foi testemunha, a partir de 1932, da tentativa dos comunistas em tomarem conta dos sindicatos, e como ele próprio afirmou: "foram corridos".

Neste mesmo período aconteceu uma reunião do sindicato dos manipuladores de pão, em um centro socialista "Voz do Operário", onde foram traçados os rumos para a eficiência da entidade. Mas a repressão se fez notar e, com mão-de-ferro, caiu sobre a reunião um efetivo da polícia.

Com 21 anos Abílio já faz parte do corpo dirigente do sindicato de seu ofício, e em 1933 o governo cria uma lei, de inspiração fascista-corporativa, impondo sindicatos nacionais. As entidades mais combativas iniciam uma resistência, que irá se tornar encarniçada, contra o governo ditatorial.

Abílio a esta altura já estava bastante envolvido com a militância libertária, quando a *Confederação Geral dos Trabalhadores* (CGT), que organizava a resistência, o convidou, assim como alguns outros, para uma tentativa de insurreição. Um comitê central escolheu um número de militantes de confiança e os incumbiu de, por sua vez, contatarem outros camaradas nos respectivos lugares de trabalho. Abílio havia recebido uma mala, no Cais do Sodré, "de um desconhecido" e nela existiam panfletos, explosivos e armas de pequeno calibre. Tinha que fazer a distribuição do conteúdo aos seus escolhidos. Fato que não chegou a se concretizar pois um elemento da polícia infiltrado, de nome José Gonçalves, denunciou o plano do levante que aconteceria em 18 de Janeiro de 1934.

Abílio foi preso em sua casa e levado à Polícia de Segurança do Estado, dando início a uma seqüência infundável de torturas, espancamentos e isolamento em relação ao mundo exterior.

A seguir, foi mandado para a "Esquadra da Fonte Santa"; sofreu novas torturas e foi obrigado a inventar nomes fictícios de companheiros, em um drama nada distinto dos episódios do santo ofício. Um dado trágico é que ao inventar nomes, esbarrou em operários reais, homônimos às ficções criadas para iludir os carrascos, o que resultou na prisão de um "tal Antônio Gonçalves", recém chegado de Timor, mas que foi solto posteriormente, assim que a polícia deu pelo engano.

A peregrinação de um calabouço a outro continuou, indo para às dependências do Governo Civil e "Aljube", prisão da polícia política, ficando ali cerca de 4 meses.

**Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 3,00);**

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o

CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.**

Foram enviados posteriormente, todos os participantes do frustrado 18 de Janeiro, para o Forte da Tarrafaria e lá foram trancafiados em úmidas prisões. Foi neste lugar que Abílio conheceu o militante e mentor do 18 de Janeiro: Mário Castelhana, diretor de "A Batalha" e delegado do Comitê Federativo. Elemento de extremo valor que seria vitimado pelos anos no Tarrafal.

Um dado importante que não deve ser omitido é que no dia anterior à data combinada para o levante, os comunistas explodiram bombas em Xabregas (próximo à praça do Comércio em Lisboa), alertando a polícia que aumenta a fiscalização.

Do Forte da Tarrafaria, após sumário julgamento, foram transportados em barco para os Açores, lá ficando na Ilha Terceira em uma fortaleza filipina do século XVI/VII que então tinha o nome de: São João Batista.

O local era compartilhado pelas forças armadas e a polícia política; foram 26 meses neste presídio-fortaleza. Os martírios não cessaram, mas ao contrário, cresciam em intensidade e sadismo. Nos subterrâneos da dita fortaleza encontrava-se a "puterna", que consistia em uma sala sem luz e úmida ao extremo. O acesso a esta sala era feito por um corredor de cerca de 4m, de paredes de pedra, com caminhos de água brotando do teto. Para lá eram levados os insubmissos. Não havia sanitários ou quaisquer outras formas de higienização.

Certa feita, por conta das reivindicações, foram mandados muitos para a "puterna". E em função das condições do local os presos fizeram greve de fome, que era uma estratégia para diminuir a quantidade de dejetos que ampliariam ainda mais o sofrimento dos sentenciados. Ficaram 8 dias, e ao saírem, os que ainda podiam andar, foram ajudando os companheiros mais fracos.

Passaram então ao "Caleção", uma ala menos pestilenta e com sanitários para os presos. Comiam quase todos os dias albacora (peixe) com batatas, e o paladar da ração era intolerável, fato que repercutiu e materializou-se em uma permissão para os próprios prisioneiros cozinharem os alimentos.

A chegada de um capitão a ilha em 1937 marcou os preparativos para a jornada final ao destino do Tarrafal. Os anarquistas, durante todo o tempo de espera, não descuidaram da erudição e ilustração. Os mais informados davam aulas aos demais: cada um ensinava o que podia para os demais.

A vigilância com a proximidade da transferência para o Tarrafal aumentava, os esbirros do governo não cansavam de impor aos presos humilhações. Eram obrigados a despir-se periodicamente, para que suas vestes fossem vasculhadas, e isto acaba por provocar uma resolução dos próprios presos: de que não deveriam se despir, fato que ocasionou a ira dos policiais com novos espancamentos e indignidades. Mas a bravura estoica dos detentos acabou por esmorecer o ímpeto investigativo dos agentes da polícia.

Neste mesmo período em Portugal a resistência ao salazarismo não deixava de existir e diversas revoltas estavam acontecendo. Em uma delas comunistas foram presos e deportados a bordo do navio "Cabo Verde", este navio passou nos Açores e aportando nas imediações da Fortaleza de São João Batista.

Com os prisioneiros vinham policiais, que tinham ordem de levar os detentos que ali estavam, juntamente com os recém detidos em Portugal, para o Tarrafal em Cabo Verde. O embarque foi tenso e ao menor sinal dos prisioneiros os policiais faziam valer a autoridade do carrasco. Foram todos amontoados no porão dificultando ainda mais a sobrevivência em um ambiente insalubre e hostil.

Mário Castelhana com sua erudição e bom senso, conseguiu algumas concessões dos esbirros, e a viagem de 7 dias até a ilha de Santiago em Cabo Verde não foram piores graças a habilidade deste companheiro.

O campo do Tarrafal distava, do porto da referida ilha, uns 2km. Ficava ao Norte, distante das principais povoações. A chegada ao campo, de Abílio e seus companheiros, foi seguida da visão da própria arquitetura macabra das instalações. Um grande portão coberto por arame-farpado, era o "cartão de visitas" do purgatório salazarista. Além

do portão existia um campo de 150m por 250m onde estavam armadas barracas de lona; "lar" provisório dos sentenciados. A cozinha era munida de caldeirões e de precárias instalações, os sanitários eram fossas cavadas no solo cobertas de concreto e com latões enormes para recolhimento dos dejetos. Os próprios presos cuidavam da descarga e limpeza dos referidos recipientes, além de buscarem água a cerca de 1km do presídio. Foram criadas rapidamente "brigadas" de internos que deveriam levar a cabo as insalubres atividades exigidas pelo cotidiano do campo.

Logo percebeu-se, segundo Abílio, que aquele drama kafquiiano só estava no início e que, pior ainda, lhes estava reservada a triste tarefa de terminar a construção dos seus próprios túmulos. Trabalhavam 6:30h por dia na construção de abrigos e consertos em geral, além da manutenção das vias que levavam até a cidade.

As doenças eram muitas, agravadas principalmente pelo tratamento dado aos detentos. As desintérias, causadas pela água de péssima qualidade, vitimaram muitos, entre eles Mário Castelhana, além da malária e outras endemias da região. Em determinada oportunidade, nos conta Abílio, de 200 homens presos no local, só 18 conseguiram andar ou mesmo ficar de pé em consequência do impudismo.

Em 1940, chegaram 2 capitães do exército com a missão de

reformatar o Tarrafal, ficaram 6 meses e foram para a Europa visitar as instalações dos campos alemães. Retornando, iniciaram algumas obras de estrutura do campo. A princípio, as obras foram executadas por prisioneiros, mas com a mortandade dos mesmos foram sendo substituídos por nativos. É interessante dizer que os sentinelas nativos eram mantidos sempre a distância dos detentos.

Neste período de trabalhos mais intensos os policiais aproveitavam para explorar principalmente os militantes mais ativos. Os que não resistiam ao trabalho eram levados à "frigideira", uma espécie de cela-forte com extremos de temperatura, e alimentados a pão e água. A referida construção era um cubículo de paredes muito grossas, para impedir a comunicação, sem sanitários.

Os mortos, que já eram muitos, eram sepultados por seus companheiros e o cortejo era seguido vagarosamente pelo pátio da prisão. A dor da perda do companheiro era compartilhada pela dúvida de quem seria o próximo. Eram tempos muito difíceis: diz Abílio.

Em 1946, com o fim da 2ª Guerra, Salazar anistia um número relativo de prisioneiros. Alguns conseguem sair imediatamente, mas outros, como o próprio Abílio, ficam e vão executar algumas tarefas voluntárias; como por exemplo identificar túmulos e limpar jazigos. O companheiro Tomás de Aquino, recentemente falecido aos 99 anos, produziu com sua arte de ofício diversas lápides para companheiros tombados que sem elas permaneceriam anônimos.

No Tarrafal ficaram alguns com penas muito superiores a 10 anos, mas a maioria partiu retornando ao continente.

Abílio recorda-se com pesar e respeito os companheiros que tombaram no inferno salazarista, mas tem alguns mais presentes em suas lembranças, são eles: Mário Castelhana, Arnaldo Simões Januário, Pedro Matos Felipe, Abílio Belchior e outros.

Ao retornar a Portugal e tomar conhecimento das omissões de elementos como o Cardeal Cerejeira, Abílio aprofunda ainda mais suas convicções e toma como inspiração, para a sua caminhada, o próprio sofrimento.

Os martírios pelos quais passou confirmaram a necessidade de uma sociedade mais justa; a vigência do anarquismo. Só uma sociedade melhor poderia responder com positividade ao sofrimento. E nos diz ainda mais Abílio: "O Salazar é o fruto da sociedade em que vivemos". O velho companheiro nos alerta para a urgência de mudarmos tudo isso. Que o exemplo da luta deste militante inspire os que desejam as mudanças mas aguardam que outros as façam.

João Madeira
(Rio de Janeiro/RJ)



UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL FRIBURGUENSE

Após um breve período de atividades no início da década de 90, o movimento estudantil em Nova Friburgo encontrava-se totalmente estagnado. No fim de 1997, indivíduos da *União da Juventude Socialista (UJS)* numa tentativa de conseguir delegados para o congresso da *União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES)* convocaram uma reunião com diversos grupos que vinham, isoladamente, tentando organizar grêmios em seus respectivos colégios. Embora não tenha havido uma delegação de Friburgo naquele congresso, pois todos perceberam as intenções eleitoreiras da UJS, essa reunião criou uma organização entre esses diferentes grupos.

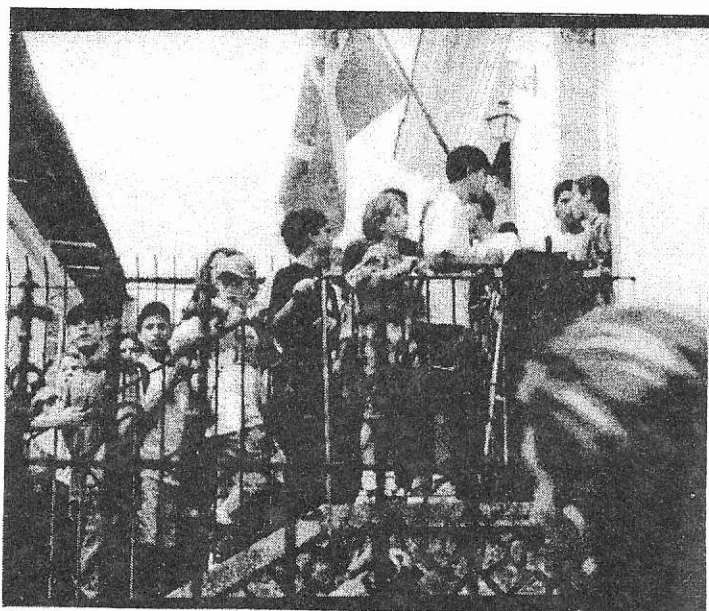
Já no início de 1998, os grupos voltaram a se unir para tentar traçar políticas estudantis comuns e, embora não tenhamos conseguido nada de concreto durante o primeiro semestre do ano, essas reuniões serviram para aproximar os diferentes grupos, que passaram a se chamar coletivamente de Comissão Pró-Movimento Estudantil de Nova Friburgo.

No segundo semestre de 1998, a Comissão decidiu marcar uma passeata pela gratuidade no transporte (passe-livre) para todos os estudantes (aqui os estudantes da rede pública possuem uma série de restrições ilegais em relação ao passe-livre). Nova Friburgo é uma cidade tradicionalmente apática, e as manifestações da desmoralizada esquerda local reúnem, quando muito, 100 pessoas. Por isso, foi de grande repercussão esta passeata que contou em seu auge com cerca de 800 pessoas. A polícia local, des acostumada a enfrentar manifestações deste porte, tentou por várias vezes sem sucesso fazer com que os estudantes ocupassem apenas meia pista durante o trajeto. Frustrada, a polícia tentou desbaratar a passeata através de repressão violenta, detendo à força três estudantes e mais seis cidadãos que acompanhavam a manifestação. Os estudantes, sem se intimidarem com a repressão policial, levaram a passeata até o fim, sendo recebidos por um dos capachos do "nosso querido" prefeito Paulo Azevedo que, como sempre, estava viajando. Muito nos foi prometido mas, como é comum dos políticos, nada foi cumprido.

Fechamos o ano fazendo outro ato em que ocupamos a Câmara dos Vereadores. Estes também prometeram muito e não fizeram nada. Durante todo este tempo a mídia friburguense, aliada à corja do Prefeito, fez o possível para denegrir as passeatas estudantis e retratar-nos como baderneiros.

Iniciamos o ano de 1999 convocando nova passeata, sendo esta a maior que fizemos até agora, com cerca de 1.500 estudantes. A polícia novamente tentou desmoralizar a marcha, desta vez apreendendo o carro de som e impedindo-nos de ter acesso às principais avenidas da cidade através de um cordão de isolamento. Os estudantes furaram o cordão contornando-o por ruas transversais e bloqueando o trânsito nas principais avenidas (incluindo uma intermunicipal), criando um engarrafamento quilométrico e negando-se a desocupá-la enquanto a polícia não liberasse o carro de som. A polícia, percebendo que não poderia impedir a passeata, liberou o carro de som e esta prosseguiu até o seu fim.

Após mais um ato em que ocupamos novamente a Câmara de Vereadores, a Comissão percebeu que havia chegado a hora de dar o próximo passo para a consolidação do movimento estudantil na cidade, fundando uma entidade municipal. Após semanas de passagens em colégios realizando assembleias para tirar delegados, o congresso foi realizado nos dias 19 e 20 de junho. Os temas da pauta foram Conjuntura, Educação, Movimento Estu-



dantil e Estrutura. Após dois dias de intensa discussão, foi aprovado pela imensa maioria dos delegados presentes as resoluções que a então formada *União dos Estudantes de Nova Friburgo (UENF)* deveria seguir, dentre os quais o princípio de que a UENF é de todos os estudantes e para todos os estudantes, e não de uma pequena vanguarda ou elite: que não deve servir de "trampolim" para cargos políticos ou de massa de manobra para partidos e que, portanto, não deve apoiar políticos profissionais; que a UENF é uma entidade de luta, e que não deve existir somente em congressos, para fazer festinhas e promover indivíduos, pois nossa entidade não é um grupo de estudantes, mas todos os estudantes.

Foi marcada no próprio congresso uma nova passeata a ser realizada antes das férias de julho. Desta vez, no entanto, nenhum sindicato (todos pelagos, por sinal) quis nos emprestar um carro de som. A passeata, com cerca de 1.000 pessoas, foi feita do

princípio a fim na voz, e os estudantes, cansados de muita promessa e nada de concreto por parte dos políticos, chegaram a quebrar lanternas e vidros de alguns ônibus, não invadindo a rodoviária urbana por pouco.

Atualmente, a UENF vem recorrendo a métodos legais para conseguir o passe-livre integral, além de estar levando adiante outras lutas, reivindicações e projetos dos estudantes.

Como funciona a UENF

A UENF, ao contrário das demais entidades municipais do país, não possui um presidente ou diretorias, ela é uma federação dos grêmios da cidade. Cada grêmio ou comissão pró-grêmio tem direito a um número de representantes de acordo com o número de estudantes de sua escola (a partir da 5ª série), e quem delibera sobre o que a UENF deve fazer é o conselho de representantes. O conselho também não constitui uma espécie de "parlamento", onde os representantes mandam e desmandam, decidindo o que quiserem. Os representantes são indicados pelos seus grêmios, podendo ser substituídos a qualquer momento pelos próprios grêmios, se constata sua inaptidão para o cargo. Todas as decisões que ele leva também não podem ser feitas na hora, na própria reunião da UENF. Ele, na verdade, apenas comunica qual foi a decisão que seu grêmio tomou previamente em reunião. Desta forma todos os estudantes podem participar das decisões, uma vez que o grêmio nada mais é do que todos os estudantes se reunindo para fazer algo conjuntamente.

No fim, o que temos é o seguinte: os estudantes em seus colégios decidem o que a UENF deve fazer, o representante leva a decisão para o conselho de representantes e as secretarias (das quais qualquer um que quiser pode tomar parte) executam o que os estudantes decidiram.

Embora isso possa parecer pouco, este sistema representa uma ruptura com o modelo de entidades municipais clássico. Esperamos estar assim iniciando algo de novo no movimento estudantil: um movimento onde todos os estudantes podem realmente participar das decisões dentro de uma democracia direta e participativa, que não é monopolizado por nenhum grupo, pois quem decide são realmente os estudantes.

Círculo de Estudos - Pensamentos Libertários

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ. LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * SAT. CP 269. CEP 12460-970. CAMPOS DE JORDÃO/SP * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * OCA. CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * ULMA. CP 710. CEP 65001-970. SÃO LUÍS/MA * RESISTÊNCIA POPULAR NOS ESTADOS: RP-GAÚCHA. CP 5098. CEP 90040-970. PORTO ALEGRE/RS * RP-SP. CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * RP-AMAZÔNICA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT *



...ANDRE MID